

A periferia está on-line: sociabilidade juvenil na “web” e na “lan”

Juliana Batista dos Reis
UFSCar, SP, Brasil

(versão preliminar)

Introdução

Este texto é fruto da primeira leitura dos dados de uma pesquisa de mestrado, em andamento, sobre a sociabilidade jovem em Nova Contagem, um bairro da periferia da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). No decorrer de todo texto, designamos o bairro em questão pelo termo “periferia” por razões metodológicas, para sinalizar uma localidade marcada pela pobreza, distante das áreas mais centrais de Contagem e Belo Horizonte, e pela privação de equipamentos públicos. Como veremos adiante, algumas representações nativas sobre Nova Contagem nem sempre estão alocadas por essa noção de periferia. Nos limites desse texto não faremos uma problematização extremamente necessária sobre a noção de periferia, enquanto categoria de análise, referência espacial, seus sentidos simbólicos, valorativos e identitários. Uma reflexão interessante sobre as perspectivas antropológica e sociológica sobre as cidades é realizada por Heitor Frúgoli (2005), que também aponta o desafio das pesquisas em revelar a diversidade de fenômenos e narrativas da e sobre a “periferia”.

“A abordagem antropológica, entretanto, deve enfocar o fenômeno tendo em vista as distinções relevantes entre gueto e periferia (ou favela), bem como a “diversidade da periferia”, tanto no plano urbanístico propriamente dito, quanto com relação ao conjunto de fenômenos socioculturais que nela se observam. Cabe assim diferenciar, no plano analítico, a periferia como área urbana específica e sujeita a distintos graus de segregação (ou, num sentido inverso, de consolidação), como fenômeno social (que, nas últimas décadas, tem envolvido um projeto familiar e comunitário de inserção na cidade, mas com certas rupturas introduzidas por diversos fatores), como um conjunto polifônico de representações nativas (...) (p. 146)

O artigo busca descrever e refletir sobre diferentes figurações da sociabilidade juvenil a partir de um “pedaço” (MAGNANI, 1994) descortinado em pesquisa de campo no bairro. Nesse sentido, os dados etnográficos destinaram nossa atenção para práticas juvenis em uma *lan house*, indicando a formação de vínculos e relações que poderiam sinalizar em determinadas maneiras de vivenciar um bairro de periferia tendo em vista elementos da

tecnologia informática¹. Tomamos como referência um determinado contingente de freqüentadores jovens que configuram certa rede de relações estabelecida no espaço da *lan house* e na interação e convivência em alguns canais e instrumentos de comunicação pela Internet.

Para compreensão da dinâmica dos processos de socialização e sociabilidade privilegiamos, principalmente, dois “espaços” de observação na pesquisa: uma *lan house* e *comunidades* sobre Nova Contagem no site de relacionamentos *Orkut* (www.orkut.com)². O propósito é revelar as interfaces e (des) continuidades entre os encontros na Internet (web) e as interações face a face na *lan house*, dinâmicas complementares e dissonantes na sociabilidade destes jovens. Tais fenômenos serão interpretados à luz, especialmente, da abordagem teórica de Georg Simmel (1983). Ponderamos as interconexões entre os dispositivos elencados por Simmel para caracterizar a sociabilidade e, as ocorrências empíricas observadas, assim como os significados das interações na *lan house* e Internet pronunciados pelos sujeitos³.

Na parte final deste trabalho, ainda que de forma bastante preliminar, investimos na apreensão das postagens que preenchem os diálogos nas comunidades do *Orkut* sobre o bairro em questão. As narrativas estampadas nos tópicos⁴ são tomadas como possibilidade de apropriação de algumas representações juvenis em torno de Nova Contagem.

¹ Jonatas Dornelles (2004) atenta para uma “banalização da informática” e questiona dados de pesquisas que revelam a maior parte de usuários de computador/Internet sendo composta por pessoas com médio e alto poder aquisitivo. “Falta um dado que, paralelo ao que se refere à posse de computador/Internet, indique a difusão da idéia da informática e da mídia digital. Possivelmente, uma investigação desse tipo indicaria um alto percentual de ‘reconhecimento da existência’ de computadores/Internet e seus usos.” (p. 242). Dados mais recentes sobre a utilização de computadores, derivados de pesquisas de cunho quantitativo, ainda apontam uma intensa desigualdade na freqüência do uso. O Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação, ligado ao IBGE é responsável pela produção de indicadores e estatísticas sobre a disponibilidade e uso da Internet no Brasil. Para acesso da *Pesquisa Sobre Uso da Tecnologia da Informação e da Comunicação no Brasil* (2006) ver <http://www.cetic.br>. Contudo é necessária a articulação entre tais pesquisas e, as especificidades relativas aos contextos de bairros populares, desvelados por recortes etnográficos.

² Em definição do próprio site: “O orkut.com é um website de comunidade on-line projetado para amigos. O principal objetivo do nosso serviço é tornar a sua vida social, e dos seus amigos, mais ativa e estimulante”. Já as comunidades no *Orkut* são uma espécie de grupo de discussão, ou grupo de interesse em torno de determinado tema. Em cada uma delas há um “dono” e “moderadores” que podem modelar certas regras com relação ao aceite na participação dos membros, à postagem de conteúdos e eventos ou até mesmo apagar postagens.

³ A pesquisa está em desenvolvimento e sendo construída a partir de observação participante, relatos orais, entrevistas semi-estruturadas. À frente, o texto trará uma breve discussão sobre os limites e possibilidades do trabalho de campo na rede mundial de computadores.

⁴ Tópicos são opiniões ou questões sobre algum tema, introduzidos por qualquer participante. Uma espécie de fóruns das *comunidades* no *Orkut*, em que os usuários interagem postando seus comentários ou respostas à respeito do tema ou pergunta.

O tema da pobreza urbana nas Ciências Sociais brasileira tem sido construído a partir de diferentes recortes na Ciência Política, Sociologia e Antropologia. Há enfoques analíticos distintos na compreensão dos modos de vida, práticas, cotidiano e representações dos sujeitos das classes populares. O trabalho etnográfico na Antropologia viabiliza a descoberta de dados que podem indicar fenômenos particulares das periferias que talvez não fossem contemplados pelas análises macro sociológicas ou macroestruturais⁵.

Desse ponto de vista, há uma produção que analisa os bairros populares a partir de questionamentos sobre a suposta “carência”⁶ desses locais. Esse tipo de reflexão teórica é construído pondo à vista os sujeitos e suas vivências cotidianas locais, através de instrumentos metodológicos e de pesquisa, como a “observação participante”⁷, que emprega meios de alcançar “por dentro” as experiências. Heterogeneidade e diversidade se fazem conhecer em um conjunto de pesquisas na antropologia urbana, em contraposição a uma matriz teórica que tende a reduzir a compreensão das cidades e suas mazelas encurtadas às determinações estruturais. Trabalhos como os de José Guilherme Magnani (1984), Teresa Caldeira (1984), Alba Zaluar (1984) e Cyntia Sarti (1996)

“tomaram as áreas periféricas como local de pesquisa, buscando compreender detidamente redes de parentesco e vizinhança, modos de vida, estratégias de sobrevivência, formas de sociabilidade, e representações políticas com ênfase em dimensões cotidianas e em representações simbólicas muito pouco contempladas nas perspectivas macroestruturais. Tratava-se de um outro tipo de olhar sobre a periferia.” (FRUGOLI, 2005, p.141)

Diante dessa perspectiva, a via de acesso para os propósitos da minha investigação, com jovens de Nova Contagem, era o **encontro**; estabelecer relações para descobrir os espaços de sociabilidade no bairro, compreender as figurações das vivências juvenis e os

⁵ Para uma exposição da tematização da pobreza nas ciências sociais brasileira e suas vertentes, como a filiação marxista-estruturalista, ver Zaluar (1984), Vasconcellos (2006) e Frúgoli (2005).

⁶ “(...) se está muito longe do suposto estado de **exclusão** crescente descrito em trabalhos inspirados na teoria da marginalidade. Estudos mais recentes sobre a questão dos movimentos sociais urbanos, afirmam, ao contrário, não só a capacidade de mobilização de seus agentes em torno de reivindicações específicas, como ainda o caráter político contido nessas demandas e nas formas de luta através das quais se expressam (...)” (MAGNANI, 1984, p. 16) *grifo meu*

⁷ Para uma discussão do conhecimento construído através da observação participante ver “Sociedade de Esquina” (2005) em que Foote Whyte revela relações, interesses, expectativas distintas e compartilhadas com seus informantes, instauradas no processo de pesquisa em Cornerville. Ou ainda, do mesmo autor “Treinando a observação participante” em Zaluar, 1995.

significados atribuídos a elas. Que tipo de experiências e atividades eles vivenciam naquele bairro? Como se dá a sociabilidade juvenil nesses espaços e tempos?

Ao buscar estabelecer um recorte que incida sobre a temática dos jovens da periferia torna-se preciso, de modo preliminar, recorrer à idéia de juventude em seu plural – juventudes – em virtude da diversidade de situações existenciais que afetam os sujeitos reconhecidos nessa condição etária e moral, mesmo que moradores de um mesmo bairro. (ABRAMO, 1994; PERALVA, 1997; SPOSITO, 2002; DAYRELL, 2005.)⁸. Na procura de entender os jovens pesquisados, reconhecendo o conjunto das experiências vivenciadas por eles e orientados pela perspectiva da diversidade da vida juvenil devemos pressupor que sendo eles moradores de um mesmo bairro não significa que há um único modo de “ser jovem” ali. Tal pressuposto representa um caminho possível para superar a condição juvenil como problema⁹, já que a intenção é perceber as nuances das construções cotidianas de “ser jovem”, os aspectos sociais e culturais envolvidos nas suas experiências no bairro. Assentir que os sujeitos vivenciam diferentes espaços de sociabilidade e socialização como a família, a escola, o trabalho e mesmo os grupos culturais¹⁰. A condição deles não está limitada a um campo social determinante, mas como diria Elias (1994), a uma teia de relações que se tece continuamente, que é dinâmica e possibilita configurações de vários tipos.

O acesso empírico me fez chegar a um dos espaços que julguei privilegiado no trabalho de campo inicial, uma feira que acontece aos fins de semana (todos os sábados e domingos) em uma rua do bairro. É uma feira convencional com venda de frutas, verduras, legumes, além de roupas, artigos e acessórios. Adultos, crianças, jovens e velhos se encontram na feira e uma série de atividades, para além da compra e venda, se dão neste espaço de vivência. Sendo assim, por via etnográfica busquei “observar no contexto”, reconhecer e compreender as representações em torno da feira e outros espaços.

⁸ Além das citadas produções bibliográficas no campo da sociologia da juventude, há uma série de estudos e pesquisas sobre jovens no cenário acadêmico brasileiro que incidem em diversos recortes em torno de distintos contextos culturais, sociais, identitários, étnicos, etc. Ver Spósito 2002.

⁹ Em monografia sobre políticas públicas pra juventude (REIS, 2005) ressalto o foco da ampla maioria de ações do poder público que concebe seu “público-alvo” como emblema dos problemas sociais. Sob o mesmo aspecto considera Helena Abramo: “Parece estar presente, na maior parte da abordagem relativa aos jovens, tanto no plano da sua tematização como das ações a eles dirigidas, uma grande dificuldade de considerar efetivamente os jovens como sujeitos, mesmo quando é essa a intenção, salvo raras exceções; uma dificuldade de ir além da sua consideração como ‘problema social’ e de incorpora-los como capazes de formular questões significativas, de propor ações relevantes, de sustentar uma relação dialógica com outros atores, de contribuir para a solução dos problemas sociais, além de simplesmente sofre-los ou ignora-los.” (ABRAMO, 1997, p. 28)

¹⁰ Para algumas análises das sociabilidades e identidades de jovens inseridos em grupos musicais de *rap* e *funk* ver Vianna, 1997, Dayrell, 2005, em torcidas de futebol – Toledo, 1997.

Avistei naquela rua uma dimensão socializadora para os jovens (SPOSITO, 1994) que se apropriam dela, combinando encontros, circulando em grupos, conversando e eventualmente apresentando suas danças e músicas. Tal rua, enquanto espaço público, representa o movimento, a novidade, a dinamicidade (DAMATTA, 1997); assim como o lazer¹¹, o estabelecimento de relações (MAGNANI, 1984). A apropriação coletiva daquele espaço avistada nas expressões simbólicas e apresentações de grupos/cantores/dançarinos de rap, *funk*, axé, evidencia “(...) que a condição juvenil, além de ser socialmente construída, tem também uma configuração espacial.” (PAIS, 1993 apud DAYRELL, 2006).

Diante disso, “a noção de pedaço [que], (...), supõe uma referência espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles” (MAGNANI, 2002, p.20) parece apropriada para designar aquela rua nas manhãs dos fins de semana. Neste sentido, na pesquisa de campo em Nova Contagem, seria preciso reconhecer os dois componentes integrantes da constituição dos “pedaços” do bairro, um espacial e outro simbólico. Sendo que, o componente espacial se configura pelo conhecimento mútuo das pessoas por uma contigüidade territorial, o entendimento da questão da vizinhança e da experiência comum do bairro. Já, pelo caráter simbólico o reconhecimento dos sujeitos está referido a sinais diacríticos que eles exibem e que podem referenciar a categorias definidoras de pertencimento a um grupo.

Mas, em que outros locais a sociabilidade juvenil poderia estar potencializada? Haveriam outros espaços territorialmente circunscritos configurados por uma rede de amizade e convivência formatando práticas de sociabilidade ou alguma identidade local? Algum outro segmento do bairro torna-se referencia para distinguir determinado grupo de freqüentadores como pertencentes a uma rede de relações e práticas que talvez impliquem em distintas formas de relações com o bairro?

A partir das experiências empíricas de pesquisa tais perguntas vêm sendo respondidas. Em um dia de feira passeava pelas ruas em seu entorno e em uma bem

¹¹ É necessária uma breve problematização de compreensões que norteiam a questão do lazer e do tempo livre tendo como principal referência uma oposição ao universo do trabalho, representado, por exemplo, nesse trecho: “Lo que se hace o se omite em el tiempo libre está determinado, en la sociedad capitalista, por la necesidad de reproducir inalterblemente la fuerza de trabajo. De esa manera, los mecanismos que determinan el ámbito laboral influyen también sobre el reino del tiempo libre, lo cual convierte la arbitrariedad de la conducta en el tiempo libre en una ilusión. (VINNAI, 1974, p. 21, 22). Em outra perspectiva, Elias e Dunning (1992) elaboram um “espectro do tempo livre” que consiste num agrupamento ou esquema de classificação das variadas atividades de tempo livre, entre as quais se inscrevem as atividades de lazer. Tais contribuem imensamente na tematização do lazer, porém limitam os conceitos enquanto categorias analíticas, ao circunscrever o que “é” e o que “não é” lazer ou tempo livre. A proposta em estudar as formas de lazer apropriadas pelos jovens deve buscar as representações formuladas pelos próprios sujeitos em torno dessas temporalidades.

próxima à agitação da feira pude avistar uma movimentação de jovens perto de uma padaria. Ali, no segundo andar funciona uma *lan house* e a circulação e permanência de meninos e meninas em frente àquele estabelecimento era digno de apreço. “De perto e de dentro”¹² enxergamos uma tonalidade daquele bairro que apontava para um “novo” foco de análise das periferias urbanas a partir das práticas, significados e sociabilidades em torno da Internet. Nesse sentido os dados mostravam de fato que a tecnologia - representada pelos computadores e Internet – é algo concreto na realidade daquela “periferia”. Por conseguinte, tal dado reforça de certa forma a decadência de um modelo teórico que enfatiza exclusivamente a “carência” ou “negação”. Em outras palavras, são evidentes as situações de precariedade daquele bairro, ausência e deficiência de equipamentos públicos, exemplos concretos da vivência de uma “inclusão subalterna” no contexto da nova desigualdade social (MARTINS, 1997; DAYRELL, 2005). Ao mesmo tempo a perspectiva analítica precisa dar conta da heterogeneidade, mobilidade e dinâmica das periferias e as produções e intervenções de seus atores¹³.

Nas observações da dinâmica da *lan house* foi possível acompanhar particularidades e semelhanças nos usos e práticas dos jovens com a Internet. Certamente, há gradações desse envolvimento. Pude distinguir e estabelecer contato com usuários mais regulares, que estabelecem e consolidam laços de amizade através de redes. O foco das reflexões incide, portanto, sobre jovens que atribuem um significado eminente às interações *on-line* e logo, os que usavam habitualmente a *lan* no período das observações. Todavia, à frente das descrições sobre essas vivências não se pode dispensar uma breve exposição da noção de sociabilidade na teoria social.

Sociabilidade(s)

Tendo em vista os elementos constituintes do ensaio clássico sobre a sociabilidade de Georg Simmel (1983) é que divisamos uma interpretação da sociabilidade juvenil *on-*

¹² Nomeação analítica definida por Magnani (2002) para o método etnográfico na apreensão antropológica das cidades.

¹³ Sobre a dificuldade da perspectiva macroestrutural de apreender as especificidades em contraposição a uma produção antropológica que privilegia a diversidade dos fenômenos sociais, culturais e espaciais ver Durham (1986, p. 18, 19): “(...) em virtude mesmo do que parece ser uma nova dinâmica da sociedade brasileira, os esquemas globalizadores com os quais a sociologia e a ciência política produziram, no passado, uma interpretação coerente da sociedade nacional, têm se revelado singularmente inadequados. Nota-se hoje, claramente, nessas disciplinas, uma crise explicativa que está provocando uma revisão crítica muito profunda tanto dos seus pressupostos teóricos e metodológicos, quanto da própria concepção da sociedade brasileira que construíram no passado. Nessas circunstâncias, o trabalho altamente descritivo da antropologia, sua capacidade de detectar perspectivas divergentes e interpretações alternativas, apresenta um material provocativo para repensar a realidade social.”

line e off-line em Nova Contagem. Preferimos tratar a sociabilidade na *lan house* e na Internet pelos pares *on/off-line* ao invés de virtual/real já que “(...) o par real/virtual coloca em oposição esses termos, e o que se constata é que as interações ocorridas no universo dito virtual são bastante reais, e muitas vezes se pautam nas ocorridas na sociabilidade *off-line* e vice-versa” (GUIMARÃES JR. 1999 e 2004, THOMSEN et al. 1998 e DORNELLES, 2004 apud PELUCIO, 2005, p. 10). Avistamos também em Nova Contagem uma mútua influência e imbricação entre a sociabilidade jovem *on* e *off-line*. Nesse caso, seria o modelo simmeliano oportuno na compreensão das interações pela Internet ou há no ciberespaço especificidades que ainda devem ser explanadas e explicadas?

Simmel estabelece que na demarcação dos objetos de interesse sociológico devemos buscar os problemas não na *matéria* da vida social, mas em sua *forma*, visto que os variados conteúdos, interesses e expectativas que preenchem as interações humanas, não são sociais; “São fatores de sociação apenas quando transformam o mero agregado de indivíduos isolados em formas específicas de ser com e para um outro – formas que estão agrupadas sob o conceito geral de interação.” (SIMMEL, 1983, p. 166). As formas, no entanto, é que dão o caráter social às interações, logo, é sob elas que identificamos tal natureza social das sociações humanas, se excluirmos os conteúdos religiosos, políticos, econômicos, etc.¹⁴

A sociabilidade, nos diz Simmel, surge como um estrutura sociológica muito peculiar das outras sociações, em que também é necessária a demarcação de forma e conteúdo:

“Esse processo funciona também na separação do que chamei de conteúdo e forma da vida societária. Aqui, a ‘sociedade’ propriamente dita é o estar com o outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmos e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno que chamamos sociabilidade.” (SIMMEL, 1983, p. 168)

Os homens penetram na sociabilidade munidos com a “pura humanidade” ou o “impulso da sociabilidade” já que no contato sociabilístico as qualificações objetivas e subjetivas de cada personalidade estão afastadas. Há, portanto limiares subjetivos e objetivos no contexto da interação que podem, se exagerados, não permitir a sociabilidade como princípio central, mas apenas conexão formalista e superficialmente mediadora.

¹⁴ Principalmente nos textos “Requisitos universais e axiomáticos da sociedade” (1973) e “Como as formas sociais se mantêm” (1983) Simmel esclarece a abstração sociológica entre forma e conteúdo da vida social, assim como as bases epistemológicas da existência social e as condições para a socialização.

(SIMMEL, 1983, p. 171). O essencial na sociabilidade, definida pelo autor como *forma autônoma ou lúdica de socição*, é a interação por ela mesma.

O estabelecimento em que a *lan* está localizado é bem amplo, há um espaço da recepção e caixa, um ambiente de espera com sofás e quatro salas: uma destinada a manutenção e conserto de computadores, duas para cursos de informática¹⁵, e a maior delas com cerca de treze computadores da *lan house*. O valor da hora conectada à rede é de R\$ 1,50, com frações equivalentes na utilização de tempo inferior. Sobre a intensa demanda do uso de Internet nos diz o dono do estabelecimento:

“comprei duas máquinas e coloquei na *lan house*, não melhorou, ainda tem lista de espera ainda. Pensei, tá precisando de colocar mais duas máquinas. Então a gente vai colocando, duas máquinas, duas máquinas e a lista de espera continua, entendeu? Um trás mais um, entendeu? Um vai lá usa, e traz mais um ou duas pessoas.”

Cheguei aquele espaço pelo clima de encontro, descontração e fruição na porta do local e menos interessada em observar simplesmente usos da Internet. Para além da porta e da escadaria que nos leva à *lan*, o ambiente de espera é também marcado por certa agitação e conversas entre os que esperam e mesmo entre os funcionários¹⁶. Vê-se um ambiente configurado por múltiplas interações e conversas, “a gente firmou aqui manter um ambiente familiar (...), a gente tenta manter uma disciplina e um ambiente familiar”, é o que nos diz um dos funcionários que descreve bem esse ambiente regado e ao mesmo tempo marcado por uma intensa sociabilidade. Na sala da *lan* os computadores estão posicionados em três fileiras, duas delas estão frente a frente com quatro computadores cada, e a terceira de frente para uma parede. Nesta distribuição espacial vêem se, com frequência, usuários comunicando entre si, seja com os que estão dos lados ou à frente. Muitos ficam juntos em um só computador ou circulam entre eles.

Há certo padrão na utilização da Internet, constatado pelas observações e entrevistas com usuários e funcionários. A grande maioria de meninas e meninos que ali freqüentam fazem uso mais intenso e habitual do *messenger*¹⁷ e *Orkut*, “Você pode notar, 90% das pessoas que vem aqui eles... primeira coisa que eles vão fazer, ver o *Orkut* deles, ler os recados, os *scraps*¹⁸ que estão lá, mandar e enviar recado, depois é entrar no *messenger*,

¹⁵ Os cursos de informática acontecem em parceria com a Secretaria de Defesa Social do Governo do Estado de Minas Gerais, em um programa destinado a jovens de 12 a 24 anos.

¹⁶ Atualmente onze funcionários.

¹⁷ *Messenger* ou *MSN* é um programa de mensagens instantâneas que permite conversas em tempo real. Pelas caixas de diálogo os usuários podem além de comunicar teclando, compartilhar e visualizar fotos, trocar arquivos, conversar por voz (por microfone e câmera), dentre outros recursos.

¹⁸ A página de recados de cada usuário do *Orkut* era denominada *scrapbook*, quando o site não apresentava uma versão em português. O termo *scrap* ou recado é correntemente usado entre os participantes.

quem tá *on-line* vai conversar com quem tá *on-line*, se tiver e-mail eles vão responder o e-mail”, relata um funcionário. Há ainda um número menor de usuários da *lan house* que joga em rede¹⁹ “Então eu acho que na primeira faixa etária na adolescência, muitos vem aqui no computador pra encontrar com outros aqui, não com outra pessoa em outro lugar. Vem junto! Vem um grupo junto pra vim jogar... Porque ele joga com ele, ele joga comigo e não sei o que, não sei o que, eu observo isso...”

A *conversação* é componente capital na circunscrição da sociabilidade no ensaio clássico de Simmel. Para o autor na vivência da sociabilidade a conversa é a forma mais pura e elevada de reciprocidade e o único caso em que o propósito existe nela mesma. Os diálogos travados pela Internet, especialmente pelo *MSN*, são uma das ações mais costumeiras entre muitos informantes, foi raro nas observações não ver alguém se comunicando pelas caixas de diálogo desse programa. “Todo mundo que vem na *lan house* tem *MSN*, se não tem vai querer logo fazer um, conversar é o que mais fazem aqui. Assim sendo, como compreender semelhanças e distinções entre diálogos nas interações face a face e os travados pela escrita via Internet? O que tanto conversam e com quem conversam?

“É ficar conversando, conversando de tudo, qualquer coisa é isso mesmo” assim a prática da conversa *on-line* é definida por um garoto, entendimento análogo ao modelo teórico que concebe o propósito da conversação nela mesma e inferiormente no seu conteúdo, ou seja, a conversa é relação que não pretende ser nada além de relação; e nos termos de Simmel “Para que a conversação satisfaça como mera forma, não se pode permitir que nenhum conteúdo ganhe importância por si mesmo” (SIMMEL, 1983, p. 177) As figurações da sociabilidade através do *MSN* parecem implicar do mesmo modo “numa conversação puramente sociável, [em que] o assunto é simplesmente o meio indispensável para a viva troca de palavras revelar seus encontros” (p. 177).

Compreendemos que as conclusões são prévias, uma maior imersão no campo para alcançar o teor das mensagens trocadas, o palavreado gráfico utilizado²⁰, os assuntos e suas variações, bem como uma aproximação com aficcionados nesse tipo de vivência ainda é extremamente necessária. Dessa forma poderemos conjecturar se as condições e resultados

¹⁹ O jogo em rede mais popular entre eles é o Counter-Strike, configurado por batalhas, disputas por tiros, compra de armas, que exige intensa comunicação entre os jogadores. É baseado em rodadas nas quais as equipes combatem-se até a vitória.

²⁰ Uma excelente e minuciosa compreensão da linguagem gráfica, abreviações, caracteres e *emoticons* (desenhos que expressam emoções) utilizados na comunicação pela *net* é feita por Pelúcio (2006) que desenvolve uma metodologia nomeada por ela como “etnografia no ciberespaço”, desenvolvida em seu estudo sobre travestis que se prostituem.

dos processos dessa sociabilidade no ambiente *on-line* privilegiam também características como afetuosidade e cordialidade.

A sociabilidade face a face (ou *off-line*) que acontece naquele local é muitas vezes permeada pela sociabilidade que designamos como *on-line* e assim mutuamente. O dono da *lan house* reconhece essa interconexão entre os encontros, namoros e amizades intermediados pela *web* e as interações face a face no seu estabelecimento. Esse lugar de encontro não é consequência de alguma intenção do dono da *lan*, mas um tipo de figuração das relações entre alguns usuários que habitaram aquele espaço e o tomam como referência na experiência social. Preocupado em manter ali um ambiente minimamente regrado, até mesmo porque ele constata uma vigorosa propensão entre os jovens à sociabilidade, ele aponta uma estratégia de “regulação”:

“É... Eu até pus uma câmera ali e vou por outra, porque os jovens vem. E onde tem jovens tem como se diz o negócio... onde tem fogo tem fumaça. Aí eles ficavam na escada. Conhecia lá dentro, depois pegava na escada e começava a ficar lá na escada. Aí eu pensei vou ter que cortar isso, daqui uns dias pode vir uns pais pode vir reclamar, aí eu pus uma câmera na escada. Eles paqueravam e ficavam aqui na escada paquerando. Só que cortou, nessa escada aqui, só que eles continuam naquela escada que não tem câmera, eles são muito inteligente. E agora tem que por um outra câmera naquela escada (...) Não tem como mesmo, acontece mesmo, já aconteceu, até de aluno meu aqui, aluna, não tem como mesmo, paqueram e na hora acaba ficando mesmo”.

Ouvimos muitos casos de jovens que “ficaram”²¹ no mundo *off*, após estabelecer contatos *on-line* e combinar encontros “reais”. No horizonte de uma comunicação pela Internet mais “fácil” e “direta” como definiram alguns informantes, abre-se um cenário de experiências novas e complementares tendo em vista uma comunicação e conduta através do “bate-papo” que visa atrair e conquistar. Pela Internet parece operar uma modalidade de aproximação com códigos próprios do teclado, mas que também são acionados em outros espaços de convivência juvenil. Muitos meninos, especialmente, ressaltam a importância de circular, estar em constante movimento na feira, “andar de cima em baixo pra achar alguém pra beijar”, ou o importante nas festas é “pegar muitas meninas”. São novos elementos que compõe uma singular abordagem no investimento das relações afetivas, que são também reconhecidos como habituais “ih, são muitos casos aqui [da experiência do ficar], através de jogo, através de *MSN*, é o que mais tem aqui, esse mesmo que eu te falei da *lan house*, nunca vi... Esse aí relaciona com todo mundo, namora com todo mundo, esse aqui então é mestre nisso”.

Por que esse modelo de interação lúdica pode adquirir sentido no contexto da sociabilidade na *lan house* e na Internet? Orientados pelas narrativas enunciadas pelos

²¹ Para uma reflexão das configurações do afeto evidenciadas pela prática do “ficar” e “zoar” ver Almeida, 2006.

sujeitos e pelo que vimos acontecer nestes dois espaços reconhecemos uma dinâmica das relações em que o encontro entre jovens parece marcado pelo estabelecimento de laços, “e esses laços têm em si mesmos sua razão de ser.” (DAYRELL, 2006, p. 184). A *lan house* revelou-se na pesquisa etnográfica como espaço muito oportuno para as socializações. Embora haja uma fluidez, dinamicidade e rotatividade dos usuários e dos usos que fazem da Internet naquele local, a *lan* constitui-se como lugar significativo da construção de uma malha de relações e vínculos juvenis.

Neste processo de comunicação e transmissão de mensagens pela Internet marcados pela sedução e projetados na conquista, as conversas são permeadas por códigos, emoções, símbolos e estratégias. Ademais, orientados pela obra de Marcel Mauss (1974,1979) e pelos dados avistamos a necessidade de uma indispensável compreensão das configurações desses sentimentos juvenis enquanto fatos sociais. Lembrando que no quadro teórico-metodológico de Mauss as emoções e sentimentos são elementos centrais no emaranhado das dimensões sociais, biológicas, psicológicas e da comunicação do humano.

“Só há comunicação humana através de símbolos, de sinais comuns, permanentes, exteriores aos estados mentais individuais que simplesmente são sucessivos, através de sinais de grupos de estados considerados a seguir como realidade.” (MAUSS, 1974, p. 190)

Portanto, tarefa ainda necessária é, desse ponto de vista, fazer conhecer sensibilidades e afetividades contemporâneas, marcadas pela efemeridade (ou não), em que os sujeitos recorrem ao uso da tecnologia como forma particular e inovadora na abordagem e agenciamento do outro - “(...) até paquerar mesmo, às vezes ele tá afim de chegar naquela menina assim, ou naquele menino que através da Internet você consegue fazer isso e pessoalmente talvez a timidez não deixa”, é o que narra um jovem. Em outras palavras, compreender o inter jogo entre as ligações corporais quando se está em presença e as estratégias de “chegar” (termo nativo que significa abordar, pedir um beijo) pela textualidade.

Tem a linguagem também que é a do anonimato de preferência, então você não cria um personagem numa sala de bate papo, por exemplo, com o seu nome pessoal, você cria um apelido, por quê?! Pra pessoa não saber quem você é a principio. Aquela coisa de você ir se escondendo, até ir se mostrando aos poucos. O que é eu acho a dinâmica de toda, de toda a comunicação humana. A pessoa não chega e se abre, tem que ver se ele é recebida. Isso é legal... Eu acho que é muito legal...

Merece consideração o envolvimento *on-line* entre sujeitos que vivem em uma mesma localidade, dado que sugere uma estreita combinação entre as relações *on-line* e as interações face a face, “(...) no meu orkut mesmo tem muita gente só de Nova Contagem, Vila Esperança, daqui. Final de semana fica todo mundo *on line* pra conversar.” Entretanto,

há casos em que as interações e os vínculos são mantidos exclusivamente no universo “virtual”, mesmo que os sujeitos (re)conheçam a proximidade geográfica com seus pares da relação on-line, não podemos limitar a relação entre *on* e *off-line* exclusivamente pela “sobreposição”. Avistamos casos em que a ligação entre jovens é criada e mantida unicamente pela Internet, como expõe um rapaz que se comunica regularmente com uma menina pela *web* “É, mas eu conheço mesmo só pela Internet e pelo telefone, porque eu já conversei também pelo telefone. Ela é daqui de Nova Contagem e faz faculdade também.” Este menino atribui um significado especial à esta amizade²², por isso essa garota é a única moderadora da *comunidade* por ele criada no *Orkut*. Ele ainda relata sobre as relações estabelecidas pela Internet tendo como mote de referência a residência no mesmo bairro:

“Geralmente eu não gosto muito, na Internet, não gosto muito de conversar com os outros porque é, sei lá... eu converso com a pessoa se ela pergunta alguma coisa eu falo, mas pra mim marcar encontro, pra conversar, isso eu nunca gostei disso não. Mas tem, as vezes eu tô andando na rua eu vejo a pessoa aí “oh, você é fulano de tal” aí a pessoa “ah, tá” aí começa a conversar, “eu que tô criando” “o site, nó tá ficando bacana o site”, “ah é você o criador da comunidade, eu não sabia”, né, aí eu na sou muito de conversar com as pessoas, mas qualquer um ali na comunidade, se eu falar com eles vai ter um grande encontro que eu pretendo um dia fazer, todo vão, tem gente até que não mora em Nova Contagem que falou que se eu fizer um encontro com todos os membros da comunidade eles vem pra poder participar...”

Por um lado passa a existir uma propensão à sociabilidade entre indivíduos que estão próximos territorialmente, moradores de uma determinada área da cidade que, de modo inclusivo, estão inseridos numa mesma comunidade do *Orkut*, discutindo temas, emitindo opiniões, compartilhando vivências do bairro, como veremos adiante. Essas figurações de comunicação e sociabilidade na web, referenciadas pelo bairro apontam um contexto de estreitamento das sociabilidades, ou, ao menos de *reconhecimento* que se opera no espaço territorial comum de vizinhança em função da Internet, seja a partir do discernimento dos indivíduos pelas fotos que exibem no ciberespaço, e outros compartilhados travados na web.

“... os freqüentadores não necessariamente se conhecem - ao menos não por intermédio de vínculos construídos no dia-a-dia do bairro - mas sim se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos, que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modos de vida semelhantes” (MAGNANI, 1993, p. 50).

²² Outro caminho que pretendemos investir no desenvolvimento da pesquisa diz respeito aos modos pelos quais esses jovens refletem, experimentam e atribuem sentidos as amizades nos contextos *on* e *off-line*. Cláudia Rezende produz uma “teoria nativa da amizade” em interessante pesquisa com jovens ingleses em Londres, revelando algumas categorias no campo das amizades. “(...) a relação de amizade põe em foco noções culturalmente construídas de pessoa. Estudar discursos e práticas de amizade implica analisar como as pessoas pensam a si próprias e aos outros, negociando espaço pessoal, identidades de gênero e classe, por exemplo.” (REZENDE, 2002, p. 85)

Por fim e como já dito, em poucos casos há o predomínio de certa autonomia ou exclusividade nas comunicações e sociabilidade pela Internet, o que mais avistamos foi um embaralhamento das vivências *on* e *off-line*. Os conteúdos das conversas *on-line* não figuram-se como vazios ou falsos, parecem simular, reproduzir, ou melhor dizendo, alimentam-se da “realidade”; são reelaborações do contorno da sociabilidade “real”, na medida que estão quase sempre identificados por experiências na vida dos espaços “socializadores” daquele bairro como a escola, a própria feira, as festas, e mesmo a *lan house*²³. Na pesquisa em Nova Contagem, conferimos que a Internet favorece e auxilia o os laços de sociabilidade entre muitos jovens, ela é mais uma via que propicia e antes ainda, facilita o encontro, ou na expressão de Simmel a “liberdade de se prender”. As falas de Elias & Dunning (1992) e de um funcionário da *lan house* complementam essa inferência.

“Cada ser humano, na sua constituição global, é orientado no sentido dos outros – para a estimulação emocional entre seres humanos vivos -, e a estimulação agradável deste gênero, a estimulação que se recebe por estar reunido com outros, quer seja de fato que por meio da sua própria imaginação (...)”. (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 158)

“Pode passar 50 anos, o mundo evoluir que as pessoas vão querer se encontrar, seja na sua casa, aí eu não sei como vão ser as relações humanas daqui há 50 anos ou seja pessoalmente, mas as pessoas vão querer se comunicar porque o talento do humano é a comunicação, a capacidade de se entender. Então aonde que chega essa reflexão, que a Internet então aproveitou dessa necessidade”

Conteúdos sob aspecto de representações

Perante a escolha metodológica em se fazer uma etnografia de vivências juvenis em Nova Contagem e tendo à vista a *lan house* e as figurações do encontro, lazer, práticas de sociabilidade relacionadas (ou não) à Internet, outro desafio que está colocado nesta conjuntura é a etnografia no contexto *on-line*. Como observar o ciberespaço e ali encontrar fenômenos, interações que poderiam complementar nossa apreensão?²⁴ Nos limites desse

²³ Ainda precisamos reconhecer a instância da fantasia, ilusão, criação de personagens no contexto *on-line* e nesse sentido “virtual”, expressa na fala de Pais (2006): “Há entre alguns jovens, um refúgio na ilusão como estratégia de fuga à realidade. Assim acontece em algumas imersões no mundo virtual do ciberespaço. Por que alguns jovens aderem tato aos jogos informáticos? Porque, no cenário virtual de um jogo de computador descobrem-se como protagonistas. As ‘realidades virtuais’ permitem quem em sociedades dominadas por um desemprego juvenil estrutural, muitos jovens se envolvam em ‘alucinações virtuais’, ‘sociabilidades virtuais’, ‘aprendizagens virtuais’ – enfim, realidades que não o deixam de ser simplesmente porque são virtuais. Com efeito, os jogos informáticos proporcionam uma desrealização do real, mas também a concretização de novas vivências da realidade. E, assim sendo o ‘refúgio’ não deve ser entendido como uma ‘batida em retirada’, uma desvinculação social. A questão é saber se tais jogos permitirão realizar de modo virtual, aspirações dificilmente concretizáveis na realidade.” (p. 12)

²⁴ Reflexão interessante sobre as interfaces e dilemas da etnografia *on/offline* pode ser vista em Miller e Slater (2004) “Há uma enorme diferença entre começar uma etnografia *on-line* a partir da pressuposição de que a Internet forma inerentemente relacionamentos ‘virtuais’ e pode, portanto, ser estudada como um

texto, apontaremos brevemente o que geralmente é postado nas duas maiores comunidades do *Orkut* sobre Nova Contagem, uma denominada “Nova Contagem” e outra “Eu tenho medo do 1167”²⁵. Percebemos nas postagens do *Orkut* caminho para revelar representações em torno de Nova Contagem.²⁶

A *comunidade* “Nova Contagem” conta com cerca de 670 membros. O dono ou criador é um jovem de vinte e quatro anos que sempre morou no bairro. Ele é bastante envolvido com o universo da informática, realiza manutenção de computadores, vende peças e vê nesse contexto um “campo de possibilidades” para futuros projetos e empreendimentos profissionais. Sobre o que comumente é postado na comunidade ele diz “Mas os tópicos que tem lá, eles criam tópico do nada, “onde você mora?” como é que fala, “há quanto tempo você mora aqui”, aí “qual que é o seu MSN” esse é o que mais tem gente lá mandando”. Além desses citados pelo jovem há outros bem movimentados e sempre constantes como “beija ou não beija?” ou “qual nota que você dá para a pessoa acima?”, comunicações que têm uma tonalidade de brincadeira e descontração.

Ao acompanhar os tópicos é visível que boa parte das questões está também relacionada ao bairro – “qual a parte de Nova Contagem você mais gosta?”, “o que você acha de Nova Contagem?”. Dentre as respostas é interessante perceber que é incomum uma consideração do bairro como *periferia*, os usuários o nomeiam como “bairro”, “bairro distante”, “bairro como qualquer outro bairro” e expressam a positividade local. Por outro lado o bairro é reconhecidamente estigmatizado de forma negativa pelos “de fora” e foi recorrente ouvir de jovens interlocutores o questionamento: “falam muito mal de Nova Contagem?” Nas postagens do “Eu tenho medo do 1167” estão expostas considerações extremamente pejorativas sobre o bairro e seus moradores. E nos diz um jovem sobre esta *comunidade*:

Essa do 1167, eles estavam falando mal do ônibus, que diz que o pessoal vai pra lá que anda dentro do ônibus fedendo, transportando porco morto, esterco. Lá a maioria dos tópicos lá tem isso... “o que você acha do 1167?” ou “que nome você dá pra esse ônibus?”, aí vem lá pau de arara, carandiru, viagem para o inferno, não sei o que, um monte de nome ruim.

cenário autocontido (ignorando os contextos *off-line*), em oposição a descobrir no meio de uma etnografia – que algumas pessoas estão tratando essas mídias como se fossem virtuais e fazendo tudo ao seu alcance para separar seus relacionamentos *on-line* daqueles *off-line*” (p. 46)

²⁵ Até o momento existem 36 *comunidades* no *Orkut* relacionadas ao bairro. “1167” é a linha de transporte coletivo de Nova Contagem.

²⁶ Representações sociais e categorias são temas clássicos na teoria sociológica e antropológica. Neste momento não é possível apresentar implicações de distintas percepções teórico metodológicas presentes em obras clássicas de Durkheim, Mauss e Lévi-Strauss, por exemplo.

Contudo, o que se evidencia em muitas falas é um tipo de narrativa que ratifica um caráter positivo à região de moradia, que é reconhecidamente percebida como mais um bairro como tantos outros em que as desigualdades sociais estão alocadas.

Então eu vejo que tá crescendo muito rápido, as pessoas estão, está mudando aquela história que Nova Contagem era muito violento, o índice de violência daqui tá sendo um dos menores em relação aos outros bairros igual tinha. Antigamente era o primeiro lugar, agora não é tanto assim.

Além de uma apurada compreensão das distintas representações juvenis em torno do bairro será preciso reconhecer se as diferentes nomeações sobre o local implicam ou estão associadas às sociabilidades distintas nos espaços de Nova Contagem.



Considerações Finais

Por fim, importante ressaltar a heterogeneidade deste bairro que, como indicado inicialmente, designamos pelo termo “periferia”, nomeação que nem sempre é

pronunciada pelos jovens moradores²⁷. Por conseguinte avistamos uma diversidade de apropriações e alocações dos sujeitos de uma mesma localidade. Parece haver uma plenitude de possibilidades contemporâneas na pesquisa nas “periferias” bem como uma diversidade de narrativas dos atores moradores dessas áreas. Na nossa pesquisa, em andamento, tal multiplicidade foi (re)conhecida e representada pela interface com a tecnologia informática neste bairro, fenômeno proeminente que exige uma interpretação mais apurada.

Ir para o campo, observar e acompanhar uma pouco da dinâmica de Nova Contagem foi essencial para revelar sua multiplicidade. A etnografia nos permite escapar de categorias *a priori* e descobrir narrativas que, em contrapartida, revelam a diversidade local. Característica invisível em versões dominantes no senso comum marcadas por estereótipos da violência e miséria dessas áreas. As condições, sociabilidades e narrativas juvenis não são equivalentes ou idênticas nesta periferia e muito precisa ser revelado sobre as dimensões da tecnologia na vida dos nossos jovens pesquisados. Revela-se um campo de abordagem que exige atenção para a junção entre o que pode parecer antagônico, *tecnologia e periferia*.

Referências Bibliográficas:

- ABRAMO, Helena. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Escrita, 1994.
- CALDEIRA, Tereza P. R. *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa & A Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DAYRELL, Juarez. *O rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- DORNELLES, Jonatas. *Antropologia e Internet: quando o "campo" é a cidade e o computador é a "rede"*. Horiz. antropol. [online]. Jan./June 2004, vol.10, no.21 <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004000100011&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0104-7183.
- DURHAN, Eunice. “*A pesquisa antropológica com populações urbanas*”. In CARDOSO, Ruth. *A Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- ELIAS, *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- FRÚGOLI JR, Heitor. “O Urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia” In: *Revista de Antropologia*, São Paulo: USP, 2005. Vol. 48, nº 1. pp 133-165

²⁷ Reconhecemos a apropriação do termo, principalmente, entre jovens do movimento *hip-hop* de Nova Contagem, representação local que vem se destacando, alocada em elaborações estéticas de sujeitos que estão dentro da periferia e que a singularizam (Frugoli, 2005). Para uma análise de identidades e representações entre *rappers*, ver Dayrell (2005) e Guasco (2001).

GUASCO, Pedro. *Num país chamado periferia: identidade e representação da realidade entre os rappers de São Paulo*. Dissertação (Mestrado)-Departamento de Antropologia, FFLCH/USP-USP, São Paulo, 2001

GUIMARAES JR., Mário J. L. *Sociabilidade no Ciberespaço: Distinção entre Plataformas e Ambientes* <http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/plat_amb.html>. Trabalho apresentado na 51ª Reunião Anual da SBPC – PUC/RS, julho de 1999

_____. *De pés descalços no ciberespaço: tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social on-line*. Horiz. antropol. [online]. jan./jun. 2004, vol.10, no.21,p.123-154.Disponível <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004000100006&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0104-7183.

_____. *O Ciberespaço como Cenário para as Ciências Sociais*. 1999 Trabalho apresentado no Grupo Temático "A sociedade da informação e a transformação da sociologia" do IX Congresso Brasileiro de Sociologia, Porto Alegre. http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/ciber_cenario.html.

MAGNANI, José Guilherme C. *Festa no Pedacço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

_____. & TORRES, Lilian L. (org). *Da metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, Edusp/Fapesp, 1996.

_____. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". Revista brasileira de Ciências Sociais. (ANPOCS), vol. 17, n.º 49. pp. 11-29. 2002.

MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo> Paulus, 1997.

MAUSS, Marcel. "Relações reais e práticas entre a psicologia e a sociologia". In *Sociologia e Antropologia* volume I. São Paulo: Edusp, 1974.

_____. "A expressão obrigatória dos sentimentos". In MAUSS – Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: ÁTICA, 1979.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. *Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad(2004)*. Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 10, n. 21. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832004000100002&lng=pt&nrm=iso>.

PERALVA, Angelina. "O jovem como sujeito sócio-cultural". *Revista Brasileira de Educação*. Mai/Jun/Jul/Ago 1997 n.º 5 Set/Out/Nov/Dez 1997 n.º 6.

SARTI, Cynthia. *A família como espelho. Um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Autores Associados, 1996.

REZENDE, Claudia. "Mágoas da amizade: um ensaio na antropologia das emoções *Mana* Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 69-89, 2002.

SIMMEL, Georg. *Sociabilidade*; um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAIS FILHO, Evaristo (Org.) *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983.

SPOSITO, Marília P.A sociabilidade juvenil e a rua; novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social*. Revista Sociologia da USP. São Paulo, v.5 n. 1 e 2, p.161-178., 1993.

_____. *Juventude e escolarização* (1980/1998). Série Estado do Conhecimento, Brasília: MEC/INEP, Comped, n. 7, 2002.

TOLEDO, Luis Henrique. "Short cuts: histórias de jovens, futebol e condutas de risco". *Revista Brasileira de Educação*. Mai/Jun/Jul/Ago 1997 n.º 5 Set/Out/Nov/Dez 1997 n.º 6.

VALLADARES, Lícia do Prado. *A invenção da favela. Do mito de origem da favela.com*. São Paulo: FGV Editora, 2006.

ZALUAR, Alba. *A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____ *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: Editora Revan/UFRJ editora, 1994.